



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A-2.^o

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tallaña-Lisboa • Telefone 5889 C.

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

PREPARANDO UM NOVO SALTO

As pessoas pouco ocupadas e possuidoras de tamanha dose de mau gosto que, sem ser por dever de ofício, costumam entregar-se à leitura da imprensa burguesa terão notado que vários jornais vêm falando da desaparição da viação eléctrica em Lisboa no caso de não consentirem as entidades competentes num novo aumento de tarifas. Terão lido também que uma comissão especial nomeada pelo governo, procedeu ao estudo da escrita da Companhia Carris de Ferro, tendo publicado já o relatório respectivo que se mostra completamente favorável ao aumento de tarifas, por quanto reconhece ser precário o estado financeiro da dita companhia. Encortando razões, já os leitores perceberam que a Carris prepara um novo salto à bolsa dos que estão forçados a utilizar-lhe os serviços. E' o terceiro nos últimos tempos, todos de vulto e espacados por curtos intervalos.

Este último projecta-se que seja apenas duns modestos cent por cento. A insaciável empresa de Santo Amaro alegou há meses que as suas receitas não davam para cobrir as suas despesas. Trabalhou, na sombra e às claras, manejou habilmente o município e a imprensa, gastou como o seu plano algum dinheiro, porque dinheiro não lhe falta apesar do seu estatuto perniciante, e acabou por alcançar o seu desígnio, por ver aprovado o almejado aumento de tarifas. Pouco tempo depois nova campanha, os mesmos manejos, e o mesmo resultado, isto é, segundo aumento de tarifas, de levar curo e cabecão. Mas a Companhia não está satisfeita ainda e intenta já uma terceira extorsão. O seu plano é o mesmo. Uns arrazoados nos jornais a tanto a linha, a obtenção habilidosa dumas certas influências, tudo para ir preparando o espírito público e evitar que as vítimas, colhidas de surpresa, desabrem um gesto um pouco mais violento, e assim o golpe desapiedado no passageiro, do convívio com a Câmara, que o povo elegeu para receber todos estes favores, e com o governo, que zela os interesses populares da bonita maneira que se vê.

Mais cent por cento. A viação eléctrica, com o aumento doutro dia, ficou caríssima, ficou quase inacessível. Não foi só o aumento de tarifas; foi ainda a mudança na organização de serviço, implicando mil e uma traquibérmias que são outras poucas vergonhas para expor o público. Quem mora longe, trabalhando no centro da cidade, forçado por isso a utilizar-se de qualquer meio de condução, dos eléctricos evidentemente, por não haver outro, tem de dar para a Companhia uma parte enorme dos seus ganhos, tem de tirar a barriga para meter nos cofres do omnipotente sindicato. Diga-se de passagem que o serviço está agora pior do que nunca, e da sua revolta.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Dormideiras

Os altos feitos de Afonso Costa na defesa dos interesses de Portugal foram anteontem enaltecidos pelo sr. Melo Barreto, no Congresso da República. Refiriu-se este parlamentar a uma reunião em que deviam ser apresentadas reclamações de Portugal, Grécia e Roménia. O sr. Afonso Costa falou tanto ou tão pouco, «prenderam tam profundamente a atenção dos seus colegas, que a sessão foi exclusivamente consagrada a Portugal». Os delegados ouviram, não fizeram um único gesto, nem a menor interrupção. Tampouco estavam à palavra do sr. Afonso Costa, que o vício de fumar es não levou a abandonar a sala, nem a vontade de urinar os fez tomar a direcção do mictório. Estavam como hipnotizados. E Afonso falava. Eles ouviam, ouviam, o grande representante de Portugal sentiu a garganta secar-lhe, a palavrão falar-lhe, o miolo esgotar-se. Mas continuou ainda. Era um fiasco findar abruptamente. Que diriam os ilustres representantes das outras nações, se Afonso Costa, depois de proferir um discurso tan lindo, fizesse de súbito, esgotado, suado, exausto! Almas já não podia Afonso já não podia mais. Contra sua vontade, durante findou, cortado por subitâneo silêncio. Afonso Costa fechou os olhos, tapou os ouvidos para não ver os ges-

tos de enfado. Esperou. Nada... Desapontou os ouvidos. Nada... Abriu os olhos e viu... Viu que a ilustre assemblea dormia profundamente.

La buena dicha

Isto de ser generalíssimo, ter ido à guerra com trinta batalhões... e não quebrar o nariz, demanda esforço e sabedoria. Primeiro que tudo é preciso ter bom estômagão para banquetes; ser amável para os países que, arruinando-se, pagam jantares pantagruélicos; usar penacho e trazer o peito repleto de medalhas, como as montanhas das ourivesarias.

O generalíssimo Diaz tem todas estas qualidades e mais uma — sabe ler a buena dicha. Não a leu como aquelas ciganas sujas e mal-cheirosas, que exigem primeiramente una moneda de plata. O generalíssimo é muito mais hábil.

Um redactor do *Notícias* andou em volta do advínculo, de espinha curvada, para que ele lhe dissesse qual seria o futuro de Portugal, e o generalíssimo, com aquela segurança com que as ciganas costumam errar, pegou na mão do seu redactor e disse:

«Esta é a linha da virtude, do heroísmo e da valentia. O senhor tem esta linha muito prolongada. Auguro, portanto, sem receio de errar, ao povo português um grande e brillante futuro.»

Isso é consolador. Tanto mais que nos encontramos a dois passos da

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

NÃO APOIADO!

LOCUTORÍO DUM INSURGENT

MINEIROS INGLESES

A significação do seu movimento

Os velhos paredões do Limoéiro, espesso como a camada de terra que cobre a ossada dum cadáver, lugubres como as últimas horas dum condenado à morte, repositório imenso de amarguras que lá dentro se remoem e desfazem em lágrimas de fel, viram ontem uma tragédia mais tragédia alias simples, incapaz de comover quem quer que seja, posto que a vítima era de condição humilde, e a morte dum farroupilha não causa pena a ninguém. Perante a sensibilidade dos vivos, ou se trate de marqueses ou de vadios — categorias entre as quais a diferença é só aparente, porque os extremos tocam-se — perante a sensibilidade dos vivos a morte dos pobres nenhuma importância tem. Com a chegada de Joffre a Portugal sentiu há dias a massa uma emoção maior que todas as que a grande guerra suscitou, mesmo com as suas notícias espantosas de combates mortíferos, a arredar brutalmente deste mundo, em curtas horas, milhares e milhares de soldados, todos igual desconhecidos da massa impassível. Toda-a-Gente, esta entidade de conhecidíssima, de psicologia averiguada, irá atras do funeral dum qualquer categorizado personagem, com que tope na rua, mas desculpar-se há em ir visitar o hospital o amigo, o camarada, desde que a fortuna dele tenha descalço. E' por isso que o caso sucedido ontem no Limoéiro carece de interesse. A mim é que me apraz registar aqui, sem ter em mira os agradecimentos davitânia porque essa está morta, desde ontem de manhã. Um pobreto, Chamava-se Manuel dos Santos Ramalho e foi estivador. Estava na enxóvia 1 do Limoéiro. O crime que ele cometera para assim o privarem da liberdade não sei eu, e não me repugna acreditar que estivesse de todo inocente o desditoso. O certo é que a clausura lhe apousou as forças, debilitando-o, o organismo. Entrou com ele a doença, de súbito, mas implacável. A consciência não espanta muito, visto que, em suma, não tem as enxóvias do Limoéiro comodidades e resguardos equivalentes aos da habitação do sr. Rothschild. Mais rápida a doença em empollar o desgraçado que a justiça em deslindá-lo, as culpas. Deixemos o pobre estivador no seu esfarrapado baileique, a debater-se angustiosamente com a morte, e expliquemos que a tragédia mete um segundo personagem, de categoria mais elevada que a do primeiro. Um preso também, mas não um preso simples, vulgar, anônimo: um preso categorizado. Era o fiscal da enxóvia. A direcção das cadeias escolhe em regra, para guardar e martirizar os outros presos, o pior de todos. Se numa prisão há delinqüentes políticos, para fiscal será escolhido um gatuno. Se se trata de vigilar gatuno, a direcção nomeia para fiscal um fagista; se de fagistas, escolhe um assassino; se de assassinos distingue um paracida. O fiscal é em cada prisão um pequeno rei absoluto. O que ele diz é que vale. Decretá, insulta, maltrata, castiga, explora e rouba os outros presos, muito menos criminosos que ele. Explora e rouba, sim senhores. E' que o fiscal negocia. Vende ovos a cruzado, carapaus a três tostões. A menos que o jongo lhe corra mal, sai indenizado de prisão. Entrou para a enxóvia sem vintém e com uma camada de piolhos no corpo. Se a sorte e os seus crimes lhe outorgam o lugar de fiscal, o nosso herói sai de lá com os mesmos piolhos mas com os bolsos cheios de estrelha. Ora o fiscal da enxóvia 1, de nome Agostinho Gouveia, é um patife em obediência à regra. O negócio da cadeia dava-lhe um dinheirão. Canalha até à medula, preverso sem mistura, esse aleijão moral, atreito a frequentes acessos de mau humor, quando a bilis entraiva a fermentar-lhe no arcabouço intoxicado pelo ódio, remetia para o segredo os que lhe calam em desgraça. De resto, muito protegido e considerado pela direcção e pessoal da cadeia. A necessidade de abreviar me obriga a interromper por aqui a descrição dos vários predicados que ornam Agostinho Gouveia. Chegou o momento de por em presença um do outro os dois personagens desta tragédia. O primeiro, cada vez mais doente, exausto de forças, pressentindo a aproximação da morte, dirigiu-se na noite de anteontem ao segundo a queixar-se do mal que o derreava. A's patadas, esquecendo o raivo como onagro hidrofobo, respondeu o scelerado à queixa:

P. S. — Agora me dizem que o director da cadeia do Limoéiro, conhecedor dos factos que acima se relatam, adoptou providências de molde a dar satisfação à justiça; transferiu para Monsaraz o fiscal culpado, e mandou deitar o cadáver inútil. — P. C.

AMANHÃ

Grandezza e declínio do bolchevismo

Argo de HAMON

OS NOSSOS PRESOS

Miguel Correa e António Piloto saíram ontem

Ontem à noite tivemos o grato prazer de abraçar nestas oficinas os nossos prezos amigos Miguel Correa e António José Piloto, que havendo sido restituídos à liberdade pelas 20 e meia horas, vieram pessoalmente trazer-nos a boa noite, momentos depois de terem abandonado a cadeia do Limoéiro, onde se encontravam há alguns dias, após uma longa permanência nas prisões do quartel de sapadores dos caminhos de ferro.

Se é certo que aqueles de licados organizadores dos ferrovários do Sul e Sueste estavam naturalmente desejosos de ser restituído à suas respectivas famílias e ao convívio dos seus amigos, que são em grande número não só entre a classe ferroviária, mas entre todo o operariado organizado, a verdade é que vieram justamente contrariados por não os terem levado perante os tribunais, onde teriam ocasião de demonstrar que esse fim pelo dos trabalhadores das minas.

Foram estes, pois, os primeiros a serem escolhidos, não só porque sendo isto aceite por eles, estava quasi garantido que as restantes classes se submeteriam pacificamente a essa extorsão, mas também por que a indústria se encontrava actualmente em circunstâncias particulares.

Este era até agora sob o controlo do governo inglês, o qual, sem dúvida por entendimento secreto, resolveu entregar-lhe dia 31 de Março findo os seus proprietários, estes então responderam que as minas continuavam à disposição daqueles que quisessem trabalhar, mas em vista das dificuldades do presente momento não podiam conservar os antigos ordenados, e que precisavam fazer-lhe umas certas reduções. Segundo as estatísticas e vários cálculos apresentados, o salário indicado pelos proprietários das minas representaria um aumento de 70 % sobre os salários de 1914, o que não poderia de forma alguma ser aceite, pois que o custo da vida na Inglaterra sofreu dal para cá um aumento de 14%, acrescentando ainda que a situação dos mineiros já não era nesse tempo lá muito satisfatória.

Ora a responsabilidade completa de tal delito reivindica-na elas inteiramente, mas repelem com indignação as outras acusações que lhes foram indigneamente assacadas e que eles reduziram à expressão mais simples se os tivessem levado perante qualquer tribunal.

Esteve ela até agora sob o controlo de Joffre, esta entidade de conhecidíssima, de psicologia averiguada, irá atras do funeral dum qualquer categorizado personagem, com que tope na rua, mas desculpar-se há em ir visitar o hospital o amigo, o camarada, desde que a fortuna dele tenha descalço. E' por isso que o caso sucedido ontem no Limoéiro carece de interesse. A mim é que me apraz registar aqui, sem ter em mira os agradecimentos davitânia porque essa está morta, desde ontem de manhã. Um pobreto, Chamava-se Manuel dos Santos Ramalho e foi estivador. Estava na enxóvia 1 do Limoéiro. O crime que ele cometera para assim o privarem da liberdade não sei eu, e não me repugna acreditar que estivesse de todo inocente o desditoso. O certo é que a clausura lhe apousou as forças, debilitando-o, o organismo. Entrou com ele a doença, de súbito, mas implacável. A consciência não espanta muito, visto que, em suma, não tem as enxóvias do Limoéiro comodidades e resguardos equivalentes aos da habitação do sr. Rothschild. Mais rápida a doença em empollar o desgraçado que a justiça em deslindá-lo, as culpas. Deixemos o pobre estivador no seu esfarrapado baileique, a debater-se angustiosamente com a morte, e expliquemos que a tragédia mete um segundo personagem, de categoria mais elevada que a do primeiro. Um preso também, mas não um preso simples, vulgar, anônimo: um preso categorizado. Era o fiscal da enxóvia. A direcção das cadeias escolhe em regra, para guardar e martirizar os outros presos, o pior de todos. Se numa prisão há delinqüentes políticos, para fiscal será escolhido um gatuno. Se se trata de vigilar gatuno, a direcção nomeia para fiscal um fagista; se de fagistas, escolhe um assassino; se de assassinos distingue um paracida. O fiscal é em cada prisão um pequeno rei absoluto. O que ele diz é que vale. Decretá, insulta, maltrata, castiga, explora e rouba os outros presos, muito menos criminosos que ele. Explora e rouba, sim senhores. E' que o fiscal negocia. Vende ovos a cruzado, carapaus a três tostões. A menos que o jongo lhe corra mal, sai indenizado de prisão. Entrou para a enxóvia sem vintém e com uma camada de piolhos no corpo. Se a sorte e os seus crimes lhe outorgam o lugar de fiscal, o nosso herói sai de lá com os mesmos piolhos mas com os bolsos cheios de estrelha. Ora o fiscal da enxóvia 1, de nome Agostinho Gouveia, é um patife em obediência à regra. O negócio da cadeia dava-lhe um dinheirão. Canalha até à medula, preverso sem mistura, esse aleijão moral, atreito a frequentes acessos de mau humor, quando a bilis entraiva a fermentar-lhe no arcabouço intoxicado pelo ódio, remetia para o segredo os que lhe calam em desgraça. De resto, muito protegido e considerado pela direcção e pessoal da cadeia. A necessidade de abreviar me obriga a interromper por aqui a descrição dos vários predicados que ornam Agostinho Gouveia. Chegou o momento de por em presença um do outro os dois personagens desta tragédia. O primeiro, cada vez mais doente, exausto de forças, pressentindo a aproximação da morte, dirigiu-se na noite de anteontem ao segundo a queixar-se do mal que o derreava. A's patadas, esquecendo o raivo como onagro hidrofobo, respondeu o scelerado à queixa:

C. G. T.

Comité confederal

Volta hoje a reunir amanhã, pelas 21 horas, o Comité confederal para continuação dos trabalhos ontem encetados.

apagadas do enfermo: «Vai-te daqui, meu s...! Ben começo a tua doença! O que tu queres sei eu. Queres ir para a enfermaria, heim?... E assim por diante. Foi-se o miserável a cambalear para o balíque, uma grande desolação na alma, um comégo de paralisia nos membros... O honesto fiscal continuou a vender os seus ovos a cruzado e os seus carapaus a três tostões, empochando o farto lucro que lhe advinha desse negócio, cuja legitimidade ninguém se atreveu já a contestar, porque o segredo ato no verão arrefece as pessoas... Agora o último quadro da tragedia: ontem de manhã repararam os presos, à hora habitual do despertar, que o doente da véspera não tugia, nem mugia nem dava sinais de si... Foram ver, num movimento de simples curiosidade — e vai, encontraram morto o estivador Manuel dos Santos Ramalho — que a perversidade do destino empurrou para a prisão e a perversidade dos homens atirou para a covardia. Aqui termina a minha tragédia. Alguma acharão um pouco triste. Mas não há lugar para lamentações: um obscuro generalíssimo.

Convidou os referidos comissionados a procurarem-no hoje, pelas 10 horas, e a levarem-lhe a relação de todos os presos por questões sociais, para uma hora depois se entender sobre o seu tratamento com o capitão Cirilo, do quartel geral.

As «demarches» da comissão

pró-presos

Delegados da comissão pró-presos por questões sociais e do Conselho Jurídico da C. G. T., acompanhados do seu respectivo advogado, entrevistaram ontem o presidente do ministério, que declarou que todos os presos abrangidos por este mandado serão imediatamente restituídos à liberdade.

Convidou os referidos comissionados a procurarem-no hoje, pelas 10 horas, e a levarem-lhe a relação de todos os presos por questões sociais, para uma hora depois se entender sobre o seu tratamento com o capitão Cirilo, do quartel geral.

Seguem data e assinatura.

A'S 3 da madrugada haviam sido restituídos à liberdade os operários manipuladores e não manipuladores presos por virtude da greve, excepto Domingos Vasques, que a polícia de segurança do estado se opôs à sua liberdade.

Porém os grevistas, que tem mantido entre si laços de solidariedade, fortes, não retomam o trabalho enquanto os seus presos não forem soltos.

Por esse motivo ainda se conservam durante esta noite em sessão permanente.

E' o seguinte, o acordo firmado entre os operários manipuladores e não manipuladores presos por virtude da greve, excepto Domingos Vasques, que a polícia de segurança do estado se opôs à sua liberdade.

O acordo, que é o seguinte, foi publicado em 26 de Julho de 1917, tendo por título *Língua Internacional, Prefácio e Manual completo para os Russos*. O autor em obra-se sob o pseudônimo de Dr. Esperanto, o que deu mais tarde origem ao nome da língua pela qual ele é hoje universalmente conhecido.

A elaboração do Esperanto levou muitos anos de trabalho e fez sentir ao seu autor profundos dissabores. Mas como a sua concepção era mais filha de um ideal elevado do que de qualquer instinto mesquinho, o dr. Zamenhof integrando-se tanto no espírito da sua obra, identificou-se tanto com o ideal que o seu coração foram entregues à árdua missão de que se incumbiu.

Estudou muito, praticou durante largo tempo, a sós, a língua da sua concepção; explorou os segredos de vinte e oito línguas, a fim de colher material para a sua obra, e no fim de muito estudo, muito trabalho e muito sofrimento, empreendeu a propaganda da língua que tantos laboriosamente havia criado e que começou logo a alcançar adeptos.

Os primeiros tempos foram de luta acerória e de desilusões amargas. Finalmente, em 1905, realizou-se em Boulogne-sur-Mer (França) o primeiro Congresso Universal de Esperanto, que marcou

O COMUNISMO NOS TRIBUNAIS

O julgamento dos dez

Uma tentativa da reacção francesa miseravelmente falida

Fala-se também da proposta de nacionalização. Tendo a dizer que se trata apenas na nacionalização dos caminhos de ferro; não é este o programa que nós votámos: é o programa do nosso antigo conselho federal, o programa do velho partido radical, continuado por nós. Na câmara dos deputados recusam-se a discuti-lo. Os ferroviários então, para pôr termo ao gachis dos caminhos de ferro, para evitar, de certo modo, a repetição constante de acidentes, a má utilização do pessoal das máquinas, para unificar também os salários dos ferroviários, para dar a todo o pessoal o mesmo regulamento, propõem a nacionalização. Trata-se da reivindicação corporativa de todos os ferroviários de França; nada mais que isto, sr. juiz.

Teatros & cinemas

Primeiras

GIMNÁSIO. — Négocios são negócios, 3 actos de Octave Mirbeau, trad. de Adolfo de Paiva.

Não é de ontem nem de hoje que nestas colunas se tem pugnado pelo teatro moralizador e educativo, e, se por um lado, é grato verificar que estamos hoje onde estivemos sempre, por outro lado desgusta e entristece que tal facto se continue verificando, pois ele demonstra simplesmente que ainda não foi possível obrigar as empresas teatrais a descansar um pouco mais a bôsca para atender um bocadito à Arte, à pobreza que tam mal tratada anda por ali. De resto, não está ainda suficientemente averiguado que estas peças deem prejuízo. Podem, talvez, por uma preversão do gosto público, que empresários poucos honrosos criaram e tem vindo alimentando cuidadosamente, não dar os lucros ambicionados, o que não pode, com verdade, afirmar-se que arruinam as empresas. E' certo que estas não se organizam para perder dinheiro, mas também se não organizam para nos fornecer de quando em quando as empoladas, ócas e, por vezes, estépidas pépinas que por nossos palcos abundam.

O teatro tem uma função altamente educativa, que não deve ser desprezada por autores ou empresas. Educar é, antes de tudo, a sua missão — mesmo a sua missão única. Aquelas que conseguem fazê-lo, são, sem dúvida, as melhores. E' certo que estas não se organizam para perder dinheiro, mas também se não organizam para nos fornecer de quando em quando as empoladas, ócas e, por vezes, estépidas pépinas que por nossos palcos abundam.

Porém, que não devem ser desprezadas por autores ou empresas. Educar é, antes de tudo, a sua missão — mesmo a sua missão única. Aquelas que conseguem fazê-lo, são, sem dúvida, as melhores. E' certo que estas não se organizam para perder dinheiro, mas também se não organizam para nos fornecer de quando em quando as empoladas, ócas e, por vezes, estépidas pépinas que por nossos palcos abundam.

Araújo Pereira, o homenageado de ontem, tem sido um grande trabalhador, um esforçado paladino deste ideal, a dentro do teatro português.

A ele se devem algumas das melhores peças que ultimamente o público de Lisboa tem admirado, e para elas vao, por esse facto, as minhas melhores saudações. A minha maior solidariedade pelo seu esforço e pela sua tenacidade.

A admirável obra de Mirbeau que, em sua festa, subiu ontem à cena no Gimnásio, é uma das melhores peças do moderno repertório mundial, e seria bastante para consagrar um escritor se ele o não tivesse feito já por outros trabalhos de teatro. As suas figuras são modelares, e a nenhuma, nem mesmo as mais apagadas, falta um só traço psicológico, por menor que seja, e cuja ausência as poderia tornar coxas. São todas dum extrema observação, contudo a menor e onde todos se amem como irmãos, livremente.

Pilham-se os três actos de Mirbeau nalgum esforço. Inutilem cíes a maneira das dízimas iluminadas da cena que tantas colinas, insinuas unias, habilidosamente preparadas outras, tecem-se nos últimos anos? Não, nem Ibsen, nem Strindberg, nem Kistemaecker, nem Bernstein, nem Auguste, nem Remy, nem Gérard, nem Léon, nem... São, é, certamente os escritores que se aproxima, ao ultimo, a quem que é o diâlogo, per um necessidade imperiosa que Bernstein descreve quase interamente — o esforço pelo Artes, em Les affaires sont les affaires mais decisórios, mais enunciado, se o querem, mais infinitamente mais útil, sem deixar de ser belo. É uma peça humana, e peças deste gênero não se falam em escolas, mas apenas na análise dos caracteres e das paixões. O próprio seu amoroso que a figura é o amor banal que costuma aparecer nas tolas pa-honchadas da fancaria gaulesa, mas um amor grande, nobre e elevado, raro por isso mesmo, e que não é de fácil compreensão para esses autores de imaginações grandes excessos, atuadas por conveniências ou por um criterio demasiado estreito das coisas deste mundo.

Disse atrás que as figuras desta comédia são modelares. Com efeito, desde o humilde jardineiro, quem cheio de ingénio resiste, até ao formidável Lechate e à sua filha, apresentados com uma sobriedade rara, mas no mesmo tempo com uma meticulosa idoneidade, a despeito do haco largo e ra-

responde ela ao mesmo tempo que que se discute aqui. Desde o princípio que ouço perguntar a Monatte e a Monmousseau: «Os senhores são realmente comunistas? De facto defenderam as doutrinas comunistas? E vi que eles, nas suas respostas, não procuraram destruir o espírito dos srs. jurados a ideia que eram comunistas. Portanto em não se desolidarizar aqui da doutrina comunista, e isso honra-os.

Loriot. — Advogado Thaon. — Melhor seria dizer mais cedo que se tratava dum processo contra a III Internacional!

Monmousseau. — Está salva a honra do internacional revolucionário!

Loriot. — Eu, cá por mim, sou também adepto à III Internacional. Porque é então que não estou naqueles bancos, junto com os meus camaradas? Se queres completar o processo, incriminem-nos a todos.

Loriot. — Falas da ação sindical no campo político. Monmousseau reserva-se. E isso leva Loriot a fazer a seguinte declaração:

Sindicalistas, sim; mas comunistas também.

Loriot. — Aproveito esta ocasião para libertar também a minha consciência. Desde o inicio destas audiências — e eu tenho a certeza que, ao pronunciar estas palavras, produzi alguma emoção entre os meus amigos presentes — desde o inicio destas audiências temos sido todos quatro interrogados principalmente como membros do comité da III Internacional. E' a ação desse comité

que se discute aqui. Desde o princípio

que ouço perguntar a Monatte e a Monmousseau: «Os senhores são realmente

comunistas? De facto defenderam as

doutrinas comunistas? E vi que eles,

nas suas respostas, não procuraram des-

truir o espírito dos srs. jurados a ideia

que eram comunistas. Portanto em

não se dessolidarizar aqui da doutrina

comunista, e isso honra-os.

Monatte. — Nem aqui nem noutra parte.

Loriot. — No entanto, é meu dever dizer que entre o grupo formado por mim e por Souvarine e o formado por Monatte e Monmousseau há uma diferença sensível. Membros do comité da III Internacional todos os somos, é certo. Mas eu declarei, a quando da instrução — e não fizera caso disso porque não queria — que, na realidade, eles não foram membros desse comité. E' verdade que viram, e com razão, que há longos anos trabalhavam no campo sindicalista, que tinham um papel a desempenhar nesse campo, e que nós, comunistas marxistas, tínhamos igualmente o nosso, que havia, evidentemente, muitos pontos comuns entre as nossas organizações e que se podia marcar a solidariedade que nos unia dando a adesão a um organismo vizinho; mas cada um seguia as suas concepções particulares. Os socialistas cumpriam de facto achar o partido a que pertenciam.

Monatte. — Não consinto que Loriot diga isso. Nem pelo facto de durante

alguns meses ter deixado de assistir às reuniões do comité da III Internacional.

Loriot. — Tinha que dizer aos srs. ju-

ridos que, se se discute o comité da III

Internacional, há uma distinção a fazer

entre os que pertenciam ao comité da III

Internacional e os que não pertenciam.

Monatte. — E' também comunista.

Loriot. — Porque é que o se-

nhor quer impedir Monatte de declarar-se comunista?

Monatte. — Tinha que dizer aos srs. ju-

ridos que, se se discute o comité da III

Internacional, há uma distinção a fazer

entre os que pertenciam ao comité da III

Internacional e os que não pertenciam.

Loriot. — Tinha que dizer aos srs. ju-

ridos que, se se discute o comité da III

Internacional, há uma distinção a fazer

entre os que pertenciam ao comité da III

Internacional e os que não pertenciam.

Loriot. — Tinha que dizer aos srs. ju-

ridos que, se se discute o comité da III

Internacional, há uma distinção a fazer

entre os que pertenciam ao comité da III

Internacional e os que não pertenciam.

Loriot. — Tinha que dizer aos srs. ju-

ridos que, se se discute o comité da III

Internacional, há uma distinção a fazer

entre os que pertenciam ao comité da III

Internacional e os que não pertenciam.

Loriot. — Tinha que dizer aos srs. ju-

ridos que, se se discute o comité da III

Internacional, há uma distinção a fazer

entre os que pertenciam ao comité da III

Internacional e os que não pertenciam.

Loriot. — Tinha que dizer aos srs. ju-

ridos que, se se discute o comité da III

Internacional, há uma distinção a fazer

entre os que pertenciam ao comité da III

Internacional e os que não pertenciam.

Loriot. — Tinha que dizer aos srs. ju-

ridos que, se se discute o comité da III

Internacional, há uma distinção a fazer

entre os que pertenciam ao comité da III

Internacional e os que não pertenciam.

Loriot. — Tinha que dizer aos srs. ju-

ridos que, se se discute o comité da III

Internacional, há uma distinção a fazer

entre os que pertenciam ao comité da III

Internacional e os que não pertenciam.

Loriot. — Tinha que dizer aos srs. ju-

ridos que, se se discute o comité da III

Internacional, há uma distinção a fazer

entre os que pertenciam ao comité da III

Internacional e os que não pertenciam.

Loriot. — Tinha que dizer aos srs. ju-

ridos que, se se discute o comité da III

Internacional, há uma distinção a fazer

entre os que pertenciam ao comité da III

Internacional e os que não pertenciam.

Loriot. — Tinha que dizer aos srs. ju-

ridos que, se se discute o comité da III

Internacional, há uma distinção a fazer

entre os que pertenciam ao comité da III

Internacional e os que não pertenciam.

Loriot. — Tinha que dizer aos srs. ju-

ridos que, se se discute o comité da III

Internacional, há uma distinção a fazer

entre os que pertenciam ao comité da III

Internacional e os que não pertenciam.

Loriot. — Tinha que dizer aos srs. ju-

ridos que, se se discute o comité da III

Internacional, há uma distinção a fazer

entre os que pertenciam ao comité da III

Internacional e os que não pertenciam.

Loriot. — Tinha que dizer aos srs. ju-

ridos que, se se discute o comité da III

Internacional, há uma distinção a fazer

entre os que pertenciam ao comité da III

Internacional e os que não pertenciam.

Loriot. — Tinha que dizer aos srs. ju-

ridos que, se se discute o comité da III

Internacional, há uma distinção a fazer

entre os que pertenciam ao comité da III

Internacional e os que não pertenciam.

Loriot. — Tinha que dizer aos srs. ju-

rid